

PARA ONDE CAMINHA O ORIENTE MÉDIO DEPOIS DA GUERRA EUA-ISRAEL CONTRA O IRÃ?

O assassinato de uma autoridade religiosa, o Aiatolá Ali Khamenei, transformou um conflito militar em uma crise geopolítica; enquanto os EUA e Israel buscam reequilibrar o poder no Oriente Médio, o Irã resiste e a guerra não será decidida pela superioridade aérea, mas pela capacidade de negociação e pela coesão interna iraniana.

Prof. Dr. Ghadir Golkarian*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O assassinato do Aiatolá Khamenei nos primeiros dias da guerra travada pelos Estados Unidos e Israel contra o Irã tornou-se um ponto de virada que transformou esse confronto, de uma operação militar, em uma crise histórica. A questão não era meramente a eliminação do líder de um Estado; em vez disso, envolvia atacar uma figura que era considerada por grande parte dos xiitas do mundo como uma autoridade religiosa e um símbolo do poder religioso.

Essa realidade elevou a guerra atual do nível de um simples confronto militar para um nível mais profundo de conflito político, geopolítico e baseado em identidades. Ao mesmo tempo, o crime vergonhoso cometido pelos EUA e Israel ao matar mais de 170 jovens estudantes do ensino fundamental na cidade de Minab, juntamente com ataques covardes a hospitais, lares de idosos, instalações esportivas e centros residenciais, demonstra a ignorância e a hostilidade cega dos Estados Unidos e do Israel sionista, que chegaram a questionar os princípios mais básicos da guerra e a adesão às convenções necessárias. A principal questão agora é: para onde essa guerra levará e existe realmente algum caminho de volta à mesa de negociações?

Uma autoridade religiosa pode ser assassinada?

Para compreender a profundidade deste evento, basta uma simples comparação: pode-se esperar que o Papa seja assassinado e que o mundo católico o considere meramente como uma “operação militar”?

A resposta é clara. Tal ato transcende imediatamente o âmbito de um conflito político e se torna um ataque a uma autoridade religiosa. O mesmo se aplica ao caso do Aiatolá Khamenei. Ele não era apenas o líder político do Irã; era também um *mujtahid* que detinha autoridade religiosa para milhões de xiitas no Irã, Iraque, Líbano e outras partes do mundo.

Por essa razão, o assassinato de uma figura como essa acarreta consequências que vão muito além da remoção de um líder político. Em muitos casos históricos, a eliminação de líderes carismáticos não levou ao colapso das estruturas de poder, mas sim à criação de “capital simbólico” para seus movimentos políticos. A morte de um líder no campo de batalha pode rapidamente se transformar em “martírio” na memória coletiva – um conceito que possui um poderoso poder de mobilização na cultura política do Oriente Médio.

Dessa perspectiva, os Estados Unidos e Israel podem ter alcançado um sucesso tático, mas, ao mesmo tempo, aceitaram o risco de que essa ação possa fortalecer a narrativa de resistência e coesão política dentro do Irã.

Uma guerra para mudar o equilíbrio de poder

O objetivo dos EUA nesta guerra não é meramente atingir o programa nuclear do Irã. As evidências sugerem que Washington busca mudar o equilíbrio de poder no Oriente Médio. Por anos, o Irã atuou como um dos principais atores da ordem regional. A influência de Teerã no Iraque, na Síria, no Líbano e no Iêmen o transformou em um dos pilares decisivos da geopolítica do Oriente Médio. Nessas circunstâncias, enfraquecer o Irã poderia reorganizar o cenário estratégico da região em favor dos EUA e seus aliados.

Dentro dessa estrutura, a guerra atual pode ser vista como parte de um esforço para conter o poder regional iraniana. A destruição da infraestrutura militar, o enfraquecimento das capacidades de mísseis e a pressão econômica servem ao propósito de limitar o papel do Irã na futura ordem do Oriente Médio.

No entanto, além dos Estados Unidos, Israel também busca seus próprios objetivos específicos. Da perspectiva de Tel Aviv, um Irã poderoso e unificado constitui a maior ameaça estratégica na região. Nas últimas décadas, Israel conseguiu alcançar superioridade militar e tecnológica sobre muitos de seus rivais regionais, mas o Irã continua sendo a única potência capaz de desafiar o equilíbrio regional em termos de população, tamanho territorial, profundidade histórica e capacidade militar.

Nessas circunstâncias, alguns analistas acreditam que um dos objetivos ocultos desta guerra pode ser o enfraquecimento da coesão interna do Irã. Um Irã fragmentado e envolvido em crises internas representaria, naturalmente, uma ameaça muito menor para Israel.

Por essa razão, surgiram relatos sobre tentativas de ativar divisões étnicas ou regionais dentro do Irã. Se tal processo faz de fato parte da estratégia de guerra, o objetivo é claro: transformar o Irã, de uma potência regional, em um conjunto de crises internas. A concentração de grupos separatistas curdos iranianos ativos no norte do Iraque e o treinamento e armamento de forças guerrilheiras

pertencentes ao grupo PJAK (*Partiya Jiyana Azad a Kurdistanê*, Partido da Vida Livre do Curdistão, em português) – que busca separar a região curda iraniana do corpo da República Islâmica do Irã – apontam precisamente nessa direção. Por outro lado, não é improvável que, sob o pretexto de ações de separatistas curdos, as forças separatistas azerbaijanas também possam realizar operações de desestabilização sob o pretexto de combatê-los e impedir sua entrada no território da Província do Curdistão iraniano, arrastando assim a República do Azerbaijão ou a Turquia para o conflito. Nesse contexto, a revelação do suposto ataque de drones iranianos a Nakhchivan – posteriormente comprovado como infundado, com análises indicando que os drones haviam sido fabricados no Azerbaijão –, levanta sérias questões.

Parece que os Estados Unidos e Israel, observando a unidade demonstrada pela população iraniana durante a guerra, podem ter concluído que o Irã só pode ser subjugado por meio da fragmentação. Alguns países também podem estar aguardando o momento certo para entrar no território de um Irã fragmentado e celebrar sua presença ali antes dos demais.

A diplomacia se tornou vítima de discernimentos superficiais?

Uma das questões importantes sobre esta guerra diz respeito ao papel do círculo próximo a Donald Trump nas decisões relacionadas ao Irã.

Nos meses que antecederam o início do conflito, negociações estavam em andamento entre o Irã e os Estados Unidos. Essas conversas foram conduzidas por figuras como Jared Kushner e Steve Witkoff. No entanto, as negociações não produziram resultados e as tensões rapidamente se intensificaram, caminhando para um confronto militar.

Alguns analistas, e particularmente Laura Rozen, analista de política externa dos EUA, acreditam que a entrada de não especialistas em negociações delicadas e a atribuição de missões geopolíticas complexas a figuras com experiência comercial ou pessoal aumentam o risco de interpretações simplistas de crises regionais complexas.

Segundo ela, as consequências dessa abordagem podem incluir:

- Menos atenção dada às avaliações profissionais de segurança e diplomacia.
- Maior dependência da tomada de decisões em relação a interpretações pessoais e políticas de curto prazo.
- Maior probabilidade de transição da diplomacia para o confronto militar.

Críticos da política externa do governo Trump acreditam que um dos principais problemas desse processo foi a personalização da diplomacia. Nesse modelo de tomada de decisões, em vez de se basear nos mecanismos tradicionais do Departamento de Estado e das instituições diplomáticas, as negociações foram confiadas a um círculo restrito de indivíduos próximos ao presidente. Se essa avaliação estiver correta, o fracasso da diplomacia e a escalada para a guerra foram, em parte, resultado dessa estrutura de tomada de decisões.

Superioridade de mísseis do Irã versus fraqueza aérea

Uma das realidades importantes desta guerra é a diferença entre as estruturas militares dos dois lados em conflito.

Devido às extensas sanções impostas nas últimas décadas, o Irã não conseguiu modernizar sua Força Aérea. Sua frota de caças está em grande parte obsoleta e em desvantagem em relação ao poder aéreo dos Estados Unidos e de Israel.

No entanto, o Irã fez progressos significativos nas áreas de mísseis e drones. A estratégia militar de Teerã nos últimos anos tem se baseado em um princípio: compensar a fraqueza no poder aéreo por meio do desenvolvimento de mísseis balísticos, mísseis de cruzeiro e drones ofensivos.

Na guerra atual, também, foi essa capacidade de mísseis que permitiu ao Irã impor custos consideráveis ao lado adversário. Essa situação demonstra que, mesmo em condições de desigualdade militar, uma guerra pode se transformar em uma guerra de atrito prolongada.

A negociação ainda é possível?

Com a continuidade do conflito, a principal questão é se existe um caminho para o fim da guerra.

Atualmente, nenhum dos lados parece disposto a recuar rapidamente. Os Estados Unidos e Israel esperam que, aplicando maior pressão militar, possam forçar o Irã a aceitar suas condições. O Irã, por outro lado, está tentando demonstrar que ainda é capaz de resistência e resposta.

No entanto, a história demonstra que muitas guerras terminam não com uma vitória completa, mas com alguma forma de acordo político. Contudo, se tais negociações ocorrerem, provavelmente não se assemelharão mais às conversas que aconteceram antes da guerra.

Possíveis condições do Irã para uma negociação

Após esta guerra, o Irã provavelmente apresentará novas condições para as negociações.

Primeiro, uma garantia de segurança e a cessação de ataques militares e operações de assassinato. Sem tais garantias, será difícil para Teerã iniciar novas negociações.

Segundo, a expansão da agenda de negociação. Antes da guerra, as discussões se concentravam principalmente em programas nucleares. Agora, questões como sanções, segurança regional e até mesmo a reconstrução da infraestrutura danificada provavelmente serão adicionadas à agenda.

Terceiro, a preservação das capacidades de dissuasão convencional. O Irã declarou repetidamente que seu programa de mísseis não é negociável. Dado o papel que essa capacidade desempenhou na guerra recente, parece improvável que Teerã faça concessões significativas nessa área. Especialmente nas circunstâncias atuais, muitas pessoas no Irã acreditam que, se esses mísseis não existissem, o inimigo certamente teria alcançado seus objetivos nos primeiros dois dias.

Em quarto lugar, dado que o Irã foi atacado duas vezes durante negociações nucleares por Israel e pelos Estados Unidos, e que os EUA inverteram a ordem das negociações, ambos os países são vistos como iniciadores da guerra em ambas as ocasiões – fato que não passou despercebido pela comunidade internacional. Portanto, o Irã não estará disposto a sentar-se à mesa de negociações a menos que receba uma compensação por todos os danos da guerra da parte contrária e obtenha garantias a esse respeito.

O Oriente Médio depois desta guerra

Nas circunstâncias atuais, não é possível determinar quando e em que condições a guerra terminará. No entanto, a realidade é que, mesmo que a guerra termine nas próximas semanas ou meses, o Oriente Médio não será mais a mesma região que era antes da guerra.

O assassinato de uma autoridade religiosa, os ataques militares em larga escala e a entrada de grandes potências nesta crise alteraram fundamentalmente a equação regional.

Hoje, a questão não é mais apenas o programa nuclear do Irã. A principal questão diz respeito à posição do Irã na futura ordem do Oriente Médio. Se esta guerra levar ao enfraquecimento permanente do Irã, o equilíbrio regional se deslocará a favor dos Estados Unidos e de Israel. Mas se o Irã conseguir superar esta crise e preservar sua coesão interna, o resultado poderá ser exatamente o oposto do objetivo inicial.

Nesse caso, esta guerra poderá marcar não o fim das crises regionais, mas o início de uma nova era de competição geopolítica e instabilidade no Oriente Médio, na qual o Irã será reconhecido como uma potência influente nas equações regionais e globais.

****Prof. Dr. Ghadir Golkarian** é pesquisador e autor iraniano radicado na Turquia e no Chipre. Nasceu em Tabriz, Irã, em 1964. É acadêmico especializado em Ciência Política, Literatura Oriental e Linguística e professor universitário de relações internacionais. Como analista político, escreveu artigos para a BBC, Euro News Persian, Cyprus News e Asr Azadi Online, entre outros. Suas áreas de especialização abrangem o programa nuclear do Irã, as relações Irã-Israel, literatura persa e turca e política do Oriente Médio.*
